

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno..... 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 29 — VOL. III.

Sabbado 23 de Julho de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno... 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 5\$000

Summario.

ARTIGOS. — Carta de sua magestade el-rei, o senhor D. Pedro V — A infesta morte de sua magestade a rainha, a senhora D. Estephania — Historia da actualidade — Reinado de D. Pedro II — O Genio da lingua portugueza.

GRAVURAS. — Vista de Hechingen e Hohenzollern, berço da familia soberana de Prussia — Chegada a S. Vicente do prestito funebre de sua magestade a rainha D. Estephania.

Presidencia do conselho de ministros.

AO DUQUE DA TERCEIRA, PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS.

Meu caro duque. — São poucas as consolações e os lenitivos para dores taes como a que, n'este momento, me persegue. E' mais uma provação, e durissima, pela qual aprouve á Providencia fazer-me passar.

E' raro ter conhecido a maioria das desgraças na idade aberta ás ambições, e ás illusões de que aquellas costumam proceder. Resigno-me com a minha sorte: cumprir o dever pelo que elle é, não pelo que elle pode valer.

Para fazel-o sobra-me o exemplo da Esposa que perdi quando apenas começava a apreciar o thesouro, de que me foi dado gosar. Era um coração para a terra e um espirito para o ceo.

Nos quatro annos do meu reinado, eu e os meus povos temos sido companheiros do infortunio. Diz-me a consciencia que nunca os abandonei. Não me abandonam elles hoje, que procuro um conforto e quasi não o encontro senão na religião, que manda crer e esperar, e nas lagrimas, que se confundem com as minhas.

Queira o duque transmittir a expressão do meu sentido reconhecimento ás corporações e aos individuos que nos dias luctuosos que acabam de transcorrer, se lembraram de que no meio d'elles, ha alguém que padecem e padece muito.

Creia nos sentimentos de estima e de consideração com os quaes sou seu

Sinceramente afeiçoado

D. PEDRO.

Lisboa, 21 de Julho de 1859.

Concluiu-se a leitura da carta, que el-rei, o senhor D. Pedro V, escreveu ao duque da Terceira, presidente do conselho de ministros.

N'esta carta, expressão d'uma alma generosa, deplorando as infelices que tem perseguido o seu reinado, agradece sua magestade aos individuos e ás corporações que nos dias luctuosos se lembraram de que no meio d'elles ha alguém que padece muito.

Se a consciencia do monarcha lhe diz que nunca abandonou os seus povos no infortunio, estes, que acompanham o soberano na sua justa dor, teem tambem a consciencia de lhe terem merecido esse desvelo.

E' um pae que retribue com amor o amor de seus filhos.

Ainda não eram decorridos seis annos desde que o augusto jazigo da casa de Bragança pela ultima vez cerrou suas portas sobre o venerando cadaver de uma présada soberana, e já de novo se desceram para dar entrada n'aquella vasta necropole aos despojos mortaes de outra rainha, não menos estimada pelo povo, não menos estremeçada pela familia de reis que se senta no throno portuguez!

Ha tão pouco tempo que a dor da orphandade penetrou funda no coração do nosso monarcha, e já nova dor da prematura viuvez veiu reabrir-lhe aquella mesma ferida ainda não bem cicatrizada!

Altos juizos de Deus, que não é dado aos mortaes comprehender!

Quem acreditaria vendo ha quatorze mezes desabrocharem tão lindos e tão candidos sobre o altar nupcial estes dois lyrios, medrado um no solo da Germania, crescido outro sob o sereno ceo de Portugal, que tão prestes penderiam murchos, quando esperanças davam de longa floração?! Quem diria que o tufão da tempestade havia arrebatar um d'elles tão cedo, rompendo os aureos fios que os enlaçavam, roubando-lhes no turbilhão voraz a embalsamada fragrança que era enlevo de quantos os contemplavam, fanando-lhes o frescor que os avivava sob os formosos alfrescos que o rosio abençoado da aurora do hymineo n'elles depositava!

E assim succedeu contra todas as previsões humanas!

Ainda não estavam extinctos os elegres eccos das festivas aclamações, com que a terra portugueza saudara no dia 18 de Maio de 1858 a chegada e o consorcio da rainha a senhora D. Estephania Frederica Guilhermina Antonia Hohenzollern Sigmaringen, e já os sons plangentes que pranteavam sua morte abafavam aquelles ternissimos eccos! Ainda repercutiam nos ouvidos do luso povo os

derradeiros sons festivos da sua festa nupcial, e já as graves e tristes notas da musica funebre substituiam aquelles sons tão queridos e extremosamente escutados!... Ainda a aurora do dia 16 viera visitar com os seus esplendores de rosicler as derradeiras luzes das illuminações que festejavam seu vigesimo-segundo natalicio, e já n'essa mesma noite myriades de estrellas allumiavam lá da abobada celeste os passos incertos com que o povo angustiado se dirigia ao templo para implorar ao Misericordioso as melhoras d'essa rainha, cuja corôa ainda na vespera saudara tão entusiasmado!... Ainda a ultima badalada da meia noite que cerrava a terceira semana do mez, se despedia saudando viva tanta formosura, tanta mocidade, tanta candura, e tão immensa caridade, e já a primeira hora da seguinte semana era escutada entre lagrimas dos que pranteavam a finada rainha!...

Era este funebre dia 17 de Julho consagrado ao Anjo Custodio do reino!... Foi elle quem o Altissimo deputou para recolher da senhora D. Estephania seu derradeiro suspiro na terra: — foi a elle, a quem o Eterno confiara a guarda de Portugal, que encarregou tambem de acompanhar á sua presença essa alma pura que acabava de voar para o seu seio—joia a mais mimosa e a mais querida d'este throno portuguez que o mesmo anjo tem a seu cargo custodiar!

Só Deus é grande! Ninguem pode perscrutar-lhe os seus designios!

Veiu pallida e vestida de côres de lucto a aurora d'este dia visitar a terra portugueza; e o proprio astro vivificador, occultando seus esplendores entre as nuvens, parou como assombrado sobre o regio alcaçar dos nossos monarchas, como se quizera formar uma corôa refulgente de eternidade sobre o real corpo que ali jazia inerte no seu leito mortuario!

O dobre dos sinos, e o ronco estampido do canhão troando de cinco em cinco minutos, acordaram sobresaltados os corações portuguezes, e a primeira oração que este reino fidelissimo e christão n'esse dia elevou a Deus foi applicada pela alma da que voara ao seio do Creator; e as primeiras lagrimas que se verteram foram regar as vivas saudades que no peito da familia real acabavam de substituir as mimosas flores emblematicas da esperança e da ventura.

Foi então que com mais sollicito anelo se investigou a causa d'este prematuro acontecimento; e se soube que a doença fatal se originara por uma insolação no dia em que sua magestade quiz assistir ás experiencias de artilharia nas Vendas Novas.

Este local não tem abrigo nenhum, e o sol dardejia ahi intenso como em todo o nosso Alemtejo; não obstante o que, a augusta rainha não consentiu que fosse a carruagem, nem uma barraca de campanha, confiando demasiadamente na sua mocidade. Andou kilometro e meio de terreno a pé, sob um sol ardente, e quando chegou ao palacio das Vendas Novas affirmava-se que já se achava gravemente incommodada.

Gostava muito a senhora D. Estephania de dar longos passeios a pé; e até se affirmava que sua augusta familia, ao despedir-se a presada rainha para Lisboa, lhe recommendara não perdesse aqui o habito adquirido nas margens do Danubio, dando taes passeios ao menos uma vez por semana. Como lhe foram porém funestos a ella, mimosa flor de outra região mais fria, e que ainda não estava acclimatada aos golpes do sol ardente da nossa península! A pratica seguira-a, e seguira-a sempre com essa religiosidade com que sabia guardar as observações dos seus idolatrados parentes. Quando habitava o palacio das Necessidades eram frequentes estes passeios para os sitios do Senhor Jesus dos Terremotos; quando em Mafra e em Cintra, também nunca ficavam esquecidos; e ultimamente em Torres Vedras, a pé, acompanhou a regia comitiva que foi visitar essas famosas linhas da nossa independencia nacional. Era para ver, a lizeza e affabilidade com que n'essas occasiões tratava a gente do povo, acariciava as creanças que corriam ao seu encontro, e esmolava os infelizes, cujos soffrimentos chegavam ao seu conhecimento!... Anjo de caridade, n'esta vivia e se abrasava, mas sollicita sempre em occultar da vista de todos suas bemfazejas acções, exigindo o mais inviolavel segredo, não só das pessoas de quem se servia para os seus actos meritorios, mas também dos beneficiados; — que desde a mais tenra infancia ella aprendera o preceito divino de ignorar a esquerda a esmola dada pela mão direita, e como religiosa e santa que era, o cumpria á risca! Embora contudo procurasse conservar o incognito, sempre o beneficio indicava a regia origem d'onde provinha, que o socorro dado pelo coração piedoso, qual a modesta violeta, logo se denuncia pelo seu perfume. Hoje, que esta mão caridosa já se não pode abrir para esmolar, ahi estão revelando-se todos os dias novos factos de sua ardente caridade, até agora involvidos no mysterio do segredo! São os proprios infelizes que os narram entre as lagrimas da gratidão, e os suspiros e soluções da orphandade, porque na rainha perderam a mãe caridosa que com entranhavel affecto lhes minorava os rigores da sorte!

Assim foi que a noticia do seu fallecimento se espalhou entre sentidos prantos de amor e de respeito; e que nem um unico coração deixou de ficar ferido por tão repentino golpe! Recordavam uns as graças, belleza e juventude com que o ceo a dotara; outros a candidez de sua alma revelada no rosto pranteiro com que a todos acolhia; estes o extremo a nor e carinho com que desvelada se mostrava para com o regio esposo; aquelles a affabilidade com que tratava ainda os mais humildes; todos, emfim, memoravam os thesours de virtude que enriqueciam seu coração: e este concerto de sinceros e verdadeiros elogios tornava mais pranteada a irreparavel perda que a nação acabava de soffrer.

Nem os soccorros da sciencia, nem as preces dirigidas ao Altissimo poderam conservar tão preciosa vida. Eminentemente religiosa, não esperou que se lhe ponderasse o perigo da sua existencia para pedir a administração dos Sacramentos.

No dia que precedeu o seu fallecimento, animada com as suas apparentes melhoras, mandou distribuir valiosas esmolos pelos estabelecimentos de caridade, e pela associação consoladora dos afflictos, pedindo ás pessoas necessitadas a quem soccorria, que implorassem a Deus pela sua saúde! Não era porque temesse a morte, ella que tão abrasada vivia no amor do Eterno, e que aprendera na religião do Crucificado a desprezar as pompas e grandezas mundanas, preferindo-lhes a vida immortal: mas sim porque o seu juvenil coração tinha necessidade ainda de mais amor, de mais horas de ventura e felicidade como as que encontrara no paço portuguez; e porque sobretudo com-

prehendia a anciosa afflictão em que ficaria immerso o amante esposo, que ella deixava sem consolação no mundo! Via a seu lado uma carinhosa familia de principes que a estremeçiam; via também ali junto ao seu leito a serenissima tia do seu esposo, a piedosa infanta a senhora D. Isabel Maria, modelo de virtudes christãs, pedindo a Deus melhoras para a regia enferma; e a excelsa Niobe christã, a sempre amada imperatriz duqueza de Bragança, que a velava com extremo affecto de mãe, não só porque recommendada lhe fora a regia moribunda por seus adorados parentes, mas sobretudo porque a amava também, e aquelle doloroso trance lhe retratava fielmente a scena afflictiva do passamento do anjo que fora sua filha — contemplava anciosa todos aquelles affectos, e desejava compensal-os por seculos de ternura, se Deus lh'os concedesse! Não lh'o permitiu, porque lhe reservara mais luminosa esphera á expansão de sua alma reconhecida, chamando-a para junto de si a velar pelos caros penhores que deixava sobre a terra: e o anjo da morte roçando-lhe com a ponta das azas os florões do seu brilhante diadema de rainha, repentinamente o transformou na aureola das santas que passam á vida immortal!

A senhora D. Estephania estava morta para a terra, mas não para a saudade d'este povo que a aclamara rainha, e a adorava por suas raras e brilhantes virtudes: e assim se demonstrou pelo immenso concurso que accorreu no dia 19 ao real paço das Necessidades a depositar ante o ataude da regia finada o doloroso testemunho de seu respeito e amor. Franqueou-se a camara ardente a todos que desejassem prestar-lhe suas derradeiras homenagens, e todas as classes da sociedade ahi foram despedir-se d'aquella que nunca mais tornariam a ver. Foi imponente e lugubre este acto, e os degraus do funebre cadafalso onde se erguia o regio ataude foram regados com as lagrimas do mais entranhavel affecto.

O dia seguinte foi o destinado para transportar á ultima morada aquella que deixava enlutado o throno, e velada a corda com o funebre crepe. Pelas onze horas da manhã se lhe rezaram os officios na real capella das Necessidades, no meio dos saudosos prantos das innumeradas pessoas que por esta occasião foram ao templo juntar suas orações ás dos sacerdotes pelo eterno descanso de tão amada princeza: e de tarde, depois das cinco horas, teve logar o saimento para o mosteiro de S. Vicente de Fora.

A divisão da capital estava postada em armas, guarnecendo em alas abertas as ruas do transitio: o povo formava segundas alas mais compactas e numerosas, mostrando nos entristecidos rostos a dor que lhe ia por alma. Nas janellas milhares de pessoas assistiam a este acto desolador. Rompia a marcha funebre um esquadrão de lanceiros, e o cortejo compunha-se de mais de quinhentas pessoas em carruagens, e milhares d'ellas a pé, levando grande parte tochas na mão. O plebeu emparelhava com o nobre, o artista com o negociante, o desvalido com o milionario, o infimo empregado com o da mais subida hierarchia, n'esta demonstração de sentimento, e derradeiro testemunho que prestavam aos despojos mortaes da esposa do nosso augusto monarcha. Seis coches de estado precediam o da corda, o de respeito, e o do ataude. Ao redor d'este, e atraz seguiam os coches da casa real, da estribeira, soldados da guarda real dos archeiros, o duque estribeiro-mór, o commandante da guarda real dos archeiros, os officiaes generaes, e os respectivos estados maiores. Outra torça de cavallaria fechava o prestio.

A artilharia achava-se formada no campo de Santa Clara.

Eram oito horas da noite quando o augusto cadaver chegou ao templo de S. Vicente, atravessando o largo por entre milhares de tochas que seguravam accesas os membros das diversas associações e gremios da capital, e aos quaes se tinham reunido os empregados do estado, o corpo commercial estrangeiro e nacional, os remadores e guardas das alfandegas, os alumnos da casa pia, os do collegio da fundição, as escolas de educação popular, e os institutos e mais corporações existentes em Lisboa.

Foi retirado o caixão do coche, em que era con-

duzido, pelos ex.^{mos} duque da Terceira, e marqueses de Fronteira, de Ponte de Lima, de Ficalho, do Pombal, de Loulé, de Niza, e das Minas; que o entregaram á irmandade da misericordia, a qual o transportou até á primeira eça collocada no meio da igreja, onde a collegiada da mesma santa casa cantou os devidos responsorios. D'esse logar foi o caixão levado pelos mesmos dignitarios até á segunda eça, que se elevava no centro da quadratura patriarchal, e ahi teve logar o *Libera me* por musica vocal e instrumental, officiado sua eminencia o cardeal patriarcha de Lisboa.

Uma salva de artilharia dada pelas baterias collocadas no campo de Santa Clara, e repetida pelas fortalezas, torres e embarcações, e tres descargas de toda a tropa que acompanhara o funeral, annunciaram pelas nove horas da noite, que o regio jazigo de S. Vicente de Fora acabava de receber n'aquelle momento o corpo de uma princeza, cujo espirito a terra portugueza hoje venera resplendendo dos primeiros clarões da eternidade.

Foi solemne este momento das funebres descargas! O pranto rebentou espontaneo dos olhos do povo, porque nem um remorso a rainha levou para o sepulchro, nem um odio deixou no mundo! o coração despedaçou-se-lhe contemplando tanta mocidade, esperanças tamanhas, e tão altas venturas, aniquiladas no pó dos finados! e a alma desanimou vendo-se separada d'este idolo de veneração e affecto publico que serenamente caminhou para a sua derradeira morada com o sorriso da bemaventurança nos labios, e a paz dos anjos no coração!

N'aquella vasta necropole da casa de Bragança se lavrou o termo de deposito do augusto cadaver. Fora este encerrado n'um caixão de cedro, e fechado com tampa da mesma madeira, por meio de parafusos, forrado com thama de prata, mettido dentro de outro de chumbo e ambos em outro de madeira, forrado de velludo preto com galões de ouro.

O corpo fóra revestido com um vestido de nobreza branca, guarnecido de renda de prata; na cabeça tinha um toucado de filó e uma grinalda de flores brancas. Calçava sapatos de setim branco, e luvas da mesma cor. Levava as bandas das ordens de Santa Isabel e da Conceição, e da rainha Luiza da Prussia.

No sarcophago tinha-se inscripto o seguinte epithio:

Hic. Jacet.—Quod. Mortale. Fuit—Augustissimæ.—Stephania. Fredericæ. Guillelmine. Antonia. —Portugalia. Et. Algarbiorum. Regina. —Celsissimum.—Caroli. Et. Josephina. —Hohenzollern. Sigmaringen. Et. Borussia. Principum. —Filia. —Nata. Sigmaringen. Idibus. Julii. Anno. Dni. MDCCCXXXVII. —Augustissimo. — Petro. Quinto. Portugalia. Et. Algarbiorum. Regi. Fidelissimo.—Nuptæ. —Berolini. Tertio. Kalendas. Maii. Anno Dni. MDCCCLVIII.—Quæ Non. Minus. Eximia. Pietate. In. Deum.—Quam. Singulari. Amore. Erga. Sponsum.—Et. Charitate. Erga. Pauperes.—Prædita.—Obiit. Diem. Supremum.—Desiderium. Sui. Omnibus. Relinquens.—Olyssipone. XVI. Kalendas. Augusti. Anno. MDCCCLIX.

Cuja traducção é a seguinte:

«Aqui jaz o corpo da augustissima senhora D. Estephania Frederica Guilhermina Antonia: rainha de Portugal e dos Algarves: filha dos preclarissimos principes de Hohenzollern Sigmaringen, Carlos e Josephina; nasceu em Sigmaringen a 16 de Julho de 1837; casou em Berlin com sua magestade fidelissima o senhor D. Pedro v, rei de Portugal e dos Algarves, a 29 de Abril de 1858: Dotada do mais acrisolado amor de Deus, do mais singular affecto para com seu esposo, e extrema caridade para com os pobres, falleceu em Lisboa, deixando a todos a mais pungente saudade, a 17 de Julho de 1859.»

Não encerraremos estas paginas luctuosas sem revelar dois factos de entre os muitos que já hoje publicam a grande e ardente caridade da augusta princeza São os perfumes da violeta que vão ressendo d'entre as folhas que a encobriam.

Um pobre artista, carpinteiro, tinha a mulher doente, e a tal ponto se lhe aggravara a enfermidade, e foram prolongados os padecimentos, que o desconsoado companheiro de tanta miseria teve de ir vendendo uma por uma as pobres alfaias do

casa, e por ultimo as peças da ferramenta com que grangeava a vida, ou antes das vidas! Chegar esta penúria ao conhecimento da rainha, o mesmo foi que dar-lhe o ceo remedio. Enviou logo uma avultada esmola do seu bolsinho, e mandou estabelecer uma officina guarnecida para o artista, recomendando expressamente que se não descobrisse a autora do beneficio, nem mesmo ao pobre que o recebeu!

Achando-se a rainha em Mafra, constou-lhe um dia que n'aquellas immedições vivia uma pobre velhinha de bem avançada idade, que grangeava por aturado trabalho de agulha os poucos meios da sua existencia. Quiz vê-la por seus proprios olhos; e uma tarde se dirigiu de passeio com as suas damas ao indigente alvergue da desvalida velhice. Conversou com a misera, indagou como ella grangeava a vida, aceitou-lhe a frugal merenda que se lhe offertou sem a mesquinha coheer que tratava com a rainha, e ao retirar-se deixou a velhinha captiva de tamanha bondade e respeito pelos seus cabelos brancos. No dia seguinte a hospedeira recebia o primeiro mez de sua pensão, que a generosa esposa de el-rei lhe destinara do seu bolsinho particular, com a expressa determinação de não cansar mais no trabalho a vida já tão consumida pelos annos, pois d'aquelle momento em diante ficava assegurada a sua existencia!

Monarcha illustre! esposo desolado! Permite que n'este momento supremo penetre tambem a nossa dôr o paço real, onde te encerras, para compartilhar contigo a saudade d'esta irreparavel perda!

Nossas lagrimas são tão santas e tão puras como a causa que as faz brotar, e a memoria d'aquella que pranteamos!

Os crepes que nos enlutam são tão expressivos de dô, como os que velam as quinas portuguezas! Ante os goivos que n'este momento rebentam do sepulchro não ha hierarchias, não ha distincções, porque a dôr nos eguala a todos no padecer da humanidade!

Sacrificaste-te pelo teu povo nas angustias supremas das epidemias; expozeste a tua vida para levar a consolação ao leito do moribundo! A memoria d'estes beneficios não se apagou dos nossos corações, e porisso oh rei a nação inteira ajoelha hoje contigo ante o sarcophago de tua esposa, a chorar suas virtudes, a lamentar o golpe fatal que nol-a arrebatou!

Assim como foram communs os perigos; assim como permitiste que compartilhassemos tuas alegrias festejando o thalamo nupcial; consente-nos hoje que tomemos sobre nós parte de tuas dôres ante esse mesmo thalamo transformado em leito de morte, e velado pelos crepes de dô!

Eil-a, a augusta rainha que se separou de entre nós! Está cercada dos esplendores de uma perenne felicidade, olhando agora para as grandezas da terra, para as galas da mocidade, e para os affectos de familia como outras tantas aspirações que lhe apontavam o ceo!

De lá nos vela— a ti esposo que tanto amou, a nós povo que abraçou como se fôra irmão nascido na mesma patria.

Em presença do seu vulto magestoso que tão de alto nos contempla, aqui sellamos entre as lagrimas e suspiros que a alma desafoga, e o coração não pode reprimir, o juramento solemne de sempre te amarmos, oh rei, e de venerarmos em ti a memoria da santa que por tamanhas virtudes illustrou o throno de Portugal.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A senhora D. Estephania Frederica Guilhermina Antonia, augusta esposa d'el-rei o senhor D. Pedro v, já não existe!

Que podemos dizer além do que o nosso coração sente?

Quaes palavras podem expressar mais do que as lagrimas do povo, que deplora a rainha! o pranto dos infelizes, que choram a bemfeitora! os suspiros do esposo, que lamenta a consorte!

Amigos e adversarios, oppressos pela mesma dôr, a mesma angustia, a mesma agonia, velaram as ar-

mas com luctuoso crepe, descansando em tregoa. Na terra portugueza tudo é lucto... se a perda é immensa!

A senhora D. Estephania, rainha de Portugal, deixou de existir!

Esse coração desapareceu da terra; mas o espirito, que vouo para o seio de quem o tinha creado, já recebeu na bemaventurança o premio das virtudes que o adornaram.

Choramos nós, que a perdemos; mas os anjos receberam de certo com festivaes sorrisos o anjo, que peregrinara pelo mundo, deixando após os luminosos vestigios da virtude.

Oremos pelo descanso eterno da sua alma.

G. A. M.

A sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V.

PELA INFAUSTA MORTE DE SUA Magestade a Rainha a SENHORA D. ESTEPHANIA, NO SEMPRE TRISTE DIA 17 DE JULHO DE 1839.

Chamavi ad te, Domine, tota die: expandi ad te manus meas.
PS. LXXXVII.

«P'RA O CEO 'SPIRITO, CORAÇÃO P'RA A TERRA»

Disseste, oh rei, a santa memorando
Qu'esposa tua foi — rainha nossa,
E que ha pouco vouo á patria sua,
D'onde baixara p'ra additar um throno,
Com raro exemplo de virtude austera!...
A verdade fallou por bocca tua,
Qu'a verdade esplende o solio augusto.
Inspirou-te o Eterno o pensamento,
Vivificado na memoria santa
Da regia consorte, tão presada
Pelos carinhos teus, e affectos nossos!...
Essa chamma immorttal que te illumina
Permite, oh rei, que ao vate se transmitta,
E, de tão alto assumpto possuido,
Desinvolve, Senhor, do povo á mente
Alto sentido que o teu verbo encerra.

Santas virtudes christãs,
Lá nos ceos originadas,
Raras vezes apparecem
Na terra symbolisadas:
Porque n'esta se escurecem,
Sob involuero mortal,
As virtudes que illumina
Tão pura e santa doutrina,
Eterna lei, immorttal!

Vaso fragil e terreno
(Porque é de barro formado)
Quasi sempre contamina
Almo espirito encerrado:
Que emanação tão divina,
Mui puro vaso requer,
Para conservar a essencia,
Que provem, por excellencia,
Do Supremo eterno Ser!

E' dote maravilhoso
Tão alta pureza humana
Que o mundo pasma, e respeita
Essa virtude sob'rana,
Que o fragil corpo subjeita;
Aprendendo assim a amar
O poder maravilhoso
D'um Eterno Deus bondoso,
Que formou tal exemplar!

Oh rei! esse exemplo tiveste a teu lado,
Na santa que Deus ha pouco coroou;
E um anno que foi tão doce gosado,
A terno adoral-a, hom rei, te ensinou.

Foi rapido o tempo de dita e ventura;
Que Deus te fadou para breve o gosar:
— Thesouro tão fino, e alma tão pura
Estancia celeste devia habitar!

Bem dizes, monarcha, que a 'sposa adorada
Do ceo te encaminha a cumprir um dever:
— Cumpril-o te ensina, na esphera elevada,
Por elle em si mesmo, não por seu valer!

Exemplo subido deixou cá na terra
Do alto primor d'uma tal provação:
No transe supremo, quando os olhos cerra,
Aponta-te meiga p'ra o seu coração!

A mão que te aperta, d'encontro ao seu peito,
Affectos te exprime no mudo fallar;
E diz que esse laço de amor tão estreito,
A morte não pode tambem desatar.

Na esphera celeste que Deus illumina
O 'spirito vive em gloria immorttal;
Ahi a virtude, que só predomina,
Um premio reserva ao amor perennal.

Tranquilla se fina, ditosa na vida
Eterna que busca, e soube merecer:
E hoje na gloria, a que foi ascendida,
Ensina-te, oh rei, a esperares e a crer.

Era sim um coração
Para na terra adorar-te,
'Spirito foi para o ceo,
Onde tem de encaminhar-te!

Pois que Deus assim o quiz,
Santa foi ali velar-te;
Da alta estancia em que mora,
Rei, não cessa de mirar-te!

Sobre o throno portuguez
Não vês divino esplendor?
Seu espirito o protege,
Pela graça do Senhor:

Que na terra aqui deixou
Generoso coração,
Doce penhor d'esse affecto
Com que amou esta nação!

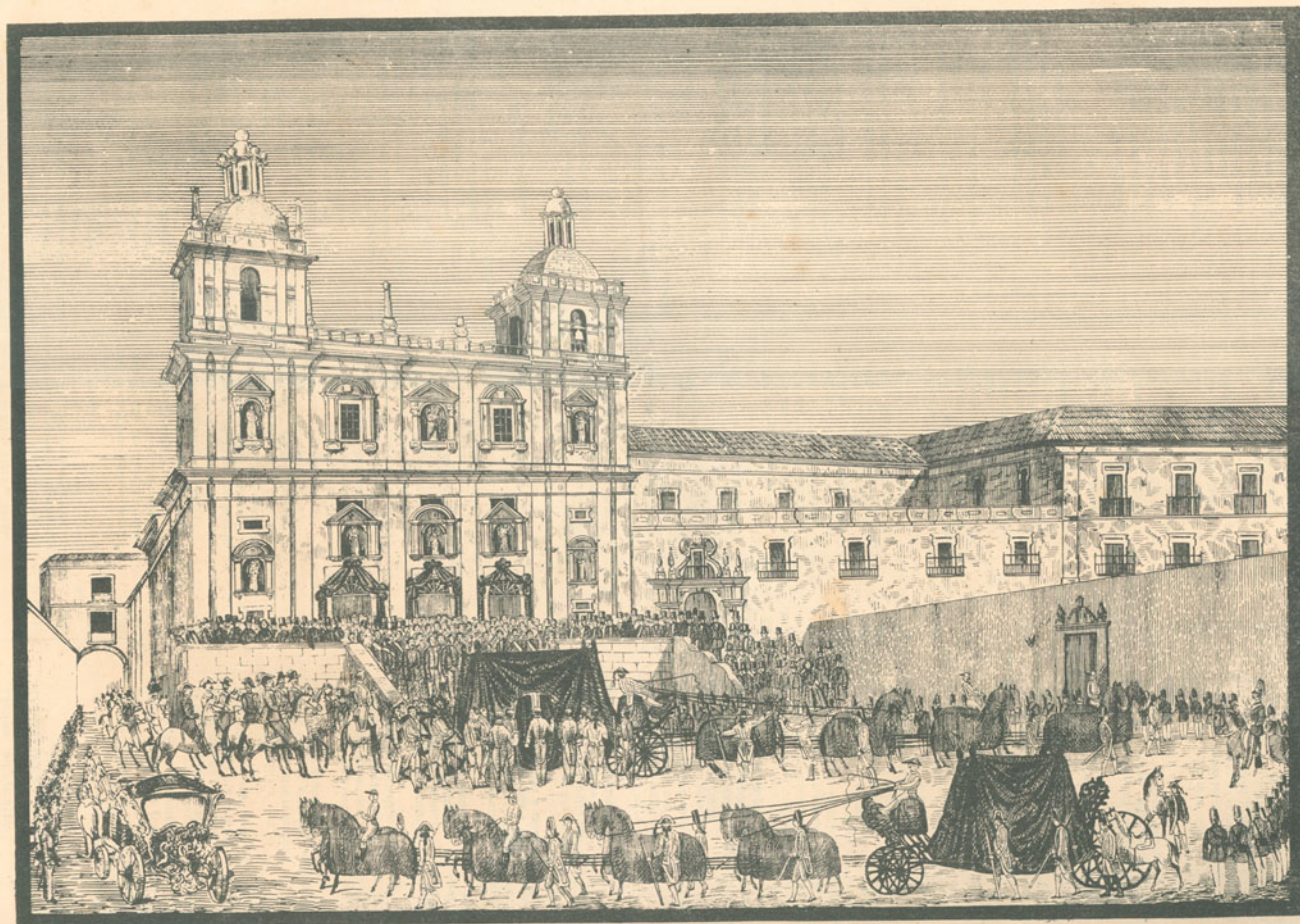
Este povo é christão — a cruz adora,
Sacro emblema da vida passageira,
E symb'lo d'outra vida sempre eterna!...
O mundo é transição do berço á campã,
Rapida sempre, sempre dolorosa!
— Prantos no berço, e lagrimas na cova!...
Nos marcos que um da outra distancêam,
Os pungentes espinhos se entrecetam,
O caminho fatal atetando,
Que ao calvario da vida ingreme sobe!...
Só a cruz dá valor a quem padece;
Só a cruz dulcifica a dura sorte
Na eterna esp'rança d'um melhor futuro.
N'ella Christo deixou doce consolo,
Ensinando a soffrer, tão resignado,
Dos homens pelo amor, a dôr immensa
Que o mundo egualar jámais não pode.
Mais que Rei — o Senhor dos potentados —
O calice esgotou até ás fezes;
E no humilde soffrer ganhando a palma,
Martyr na dôr, c'rou a humanidade!...

Este povo é christão — por isso aponta
Exemplo tal que, oh rei, terás lembrado,
Para abrandar-te a magoa n'esta pena,
Que tanto punge, fere, e rasga o peito!...
Bem sabe o povo teu, que alma bondosa,
Abraçado com a cruz, a cruz adoras;
Os decretos do ceo justo veneras!
Se esta provação é dura e forte,
A' Providencia lembre-te que approveve
A piedade n'ella exprimentar-te,
Para engastar-te mais subida joia
No diadema real, que tem cingido
A fronte augusta de christãos monarchas...

Na lamentada esposa tens o exemplo
D'alta resignação... No golpe acerbo
A prova tens que Deus não desampara
Afflicto coração em dôr penado...
Triste pranto verter não vês o povo



Vista de Hechingen e Hohenzollern, berço da família soberana da Prússia



Chegada a S. Vicente do prestito funebre de S. Magestade a Rainha D. Estephania.

Qu' ao alcaçar accorre pressuroso
A venerar essa reliquia santa
Que na terra deixou a esposa tua ?!
Não vês beijal-o o mortuario panno,
Que o santo corpo ahi lhe occulta à vista ?!
Não o vês alinhando afflictas alas
Marchar na frente ao triste saimento,
Té depór no jazigo o regio corpo ?!
Ao pallido clarão de infindas tochas,
Não vês a dôr que d'alma lhe rebenta,
Ao canto funebre escutar no templo ?!
Quanto respeito, e sensação infunde
Seu ataudé, tanto venerado,
Qu' a mais altiva fronte, curva, humilde,
Ao chão se inclina n'um saudoso pranto !
Taes lagrimas, senhor, tantos suspiros,
Leve conforto são, são lenitivos
Que Deus te envia a par da grande pena :
No coração do povo poz seu dedo,
E um caudal brotou logo de affectos,
Com que te retribue cuidados extremos,
Que n'estes annos quatro de reinado
Deste ao povo, penando seus trabalhos,
Ao tugurio descendo a consolal-o,
Como consocio partilhando as dôres...
A consciencia, oh rei, bem te assegura
Que nunca o luso povo abandonaste :
Eis a prova... do throno espraia os olhos
Ao reino teu, verás a nação toda
A dôr compartilhando, que te punge,
Lagrimas suas confundir nas tuas ;
Que de Estephania viverá saudosa,
Quanto de amor por ti se inflamma e vive.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Anjo rainha.

À INFAUSTA MORTE DE SUA Magestade a Rainha
a Senhora D. ESTEPHANIA FREDERICA
GUILHERMINA ANTONIA.

O sepulchro dos reis, eil-o negreja
Vestindo crepes novos !
O cypreste curvado lhe goteja
O pranto de dois povos !
MENDES LEAL JUNIOR — *Canticos.*

I

O espaço atroam, lugubres tangendo,
Funereos sinos ; o canhão ribomba !
E com preces d'involta um povo inteiro
Lagrimas verte !

O luso pavilhão, meio descido,
De luto veste as quinas ; e voltadas
A' terra as armas annunciam, tristes,
Ultimas honras !

Em ataudé um throno se converte ;
E em torno a elle as lagrimas d'um povo,
Arrancadas p'la dôr a mais pungente,
Lugubres caem !

Da frente augusta o diadema arranca,
Triste, um rei d'esperanças, sem ventura !
Depõe-no ao lado, p'ra chorar sobre elle
Horrida sorte !

O espaço atroam, lugubres tangendo,
Funereos sinos ; o canhão ribomba !
E com preces d'involta um povo inteiro
Lagrimas verte !

II

Rufam roucos os tambores
De crepe tambem cobertos ;
E a passos tardos, incertos,
Triste o prestito caminha...
Dos olhos da população,
Que em largas alas se apinha,
Nas ruas por onde passa
O funebre saimento,
Lagrimas correm sinceras
De magoado sentimento !
Nos peitos todos se aninha
Egual dôr, egual tormento ;

A' dôr deu logar o 'spanto !
Choram todos egual pranto,
Inclinada a face à terra,
Sobre um feretro qu'encerra
Um cadaver de rainha !

III

Ha um anno, pouco mais,
Qu'este povo que pranteia,
Ora, triste, e desolado,
Qu'ora exhala tantos ais ;
N'estas ruas apinhado,
Amigo e alegre saudava
Um anjo qu'então passava,
De fausto e pompas cercado,
Entre os vivas festivaes !
Então, qual n'este momento,
O canhão tambem troava,
Sons de sinos estrugiam
O espaço, que resoava ;
Luzido acompanhamento
Ante a princeza marchava,
E alas de povo enchiam
O transitio, como agora.
Oh ! mas que fatal contraste !
Que differença a d'aquel' hora
Do presente. Então o riso
Do povo nos labios era,
Alegria bem sincera
Reinava ali, não fingida ;
Contente tudo sorria !
Festivos tangiam sinos,
Festivos reboavam hymnos
Por toda a parte ; e o canhão
Se soltava o seu pregão,
Era alegre saudação
A um anjo, que se sentava
No luso throno : e bradava
Salvé ! enthusiasnado o povo,
Que vira d'um astro novo
Fulgir esplendido brilho !
.....
Esse astro durou pouco,
Foi de rapido esplendor,
Inda em meio de seu trilhe
Offuscou-se-lhe o fulgor !
.....

IV

Tal fausto de que servira,
E d'um povo a adoração ?
Se esse povo hoje suspira,
Entre prantos d'afflicção !
Se escripta p'la Mão Divina
Lá no ceo lh'estava a sina
De tão joven acabar !
Que são pois pompas da terra,
Se o tumulo tudo encerra,
Se n'elle tudo vae dar !

Se da morte o furibundo
Tufão, qual no prado à flor,
Quando passa pelo mundo
Alardeando seu furor ;
Maus e justos não distingue,
Tudo arrasa, tudo extingue,
Se não escolhe condição...
Se ao tumulo tudo arroja,
Da vida tudo despeja,
A esmo sem distincção !

P'los jardins da ventura,
Hontem, rabido passou ;
E, em tormento, e amargura
D'um rei a dita mudou.
Do vergel a flor viçosa,
Na passagem sua irosa,
Ao chão lançou sem dôr !
Essa flor que fenecera
Viço, amor ind'hontem era,
Hoje... não é mais que pó !

Pó, sim ; mas pô precioso !
Onde levado p'la dôr,
Triste um povo, e pezaroso

Lagrimas mil vae depór !
Onde afflicto chora um 'sposo,
Triste saudade d'amor !

V

Ha na estrada da existencia
Dois marcos : um é o berço,
Onde o encanto e o goso immerso
Velam juntos a innocencia !

O outro a negra sepultura,
Que berço é da eternidade ;
Onde a magoa e a saudade
Apar velam da amargura !

Entr'elles avulta a vida,
Qual oceano entre rochedos ;
Fora d'elles, os segredos
Da região desconhecida !

Entr'elles a humanidade,
Navegando n'esse oceano ;
Fora d'este circulo humano,
A tremenda eternidade !

Risos, flores, no primeiro,
Esperancoso e benino,
O enigmatico destino
Ledo espalha prasenteiro !

Acompanham o segundo
Cinzas, prantos, dôr pungida !
Ao pé d'elle termina a vida,
Junto a elle acaba o mundo !

N'este triste e escuro encerro,
Que vae d'um a outro marco,
De venturas, gosos parco,
Era um anjo no desterro !

Não é dos anjos a terra
A mansão ; mas sim o ceo :
Povo ! o anjo não morreu ;
No ceo o Senhor o encerra !

Dos outros anjos ciume,
O mundo não lhe cabia ;
Dava-lhe elle pesadume,
Terrena vida o pungia !

Foi-lhe o mundo curto espaço ;
Os carnaes grillhões despiu !
E de Deus para o regaço,
Do mundo, lesto, fugiu !

D'este abysmo d'agonia,
Da terra quebrando o nó,
Foi-se o anjo ! à campa fria
Legando apenas o pó !

VI

O espaço atroam, lugubres tangendo,
Funereos sinos ; o canhão ribomba,
E com preces d'involta um povo inteiro
Lagrimas verte !

O luso pavilhão, meio descido,
De luto veste as quinas ; e voltadas
A terra as armas annunciam, tristes,
Ultimas honras !

Da frente augusta o diadema arranca,
Real, um rei d'esperanças, sem ventura !
Depoem-no ao lado p'ra chorar sobre elle
Horrida sorte !

Nos peitos todos se aninha
Egual dôr, egual tormento !
A' dôr deu logar o 'spanto !
Choram todos egual pranto,
Inclinada a face à terra,
Sobre o feretro qu'encerra
Um cadaver de rainha !

VII

Povo chorae! chorae, qu' é justo e nobre
Prantos dar aos que serve a sepultura!
A vossa dôr dae largas; o tributo
À virtude pague, e á desventura.

Rei! 'sposo, a dôr vossa é grande, immensa!
Ao vate perdoae se mais o espinho
Da saudade cravou no seio vosso,
De magoa n'este cantico mesquinho.

Tributo parco é elle, é preto escasso;
Para quem tanto e tanto merecia!
Mas o êstro desfallece ao pobre vate,
Quando prantos o afogam d'agonia!

Julho, 20 — 1859.

H. VAN-DEITERS

**A morte de sua magestade a rainha
a senhora D. Estephania.**

Eil-a, que agora é pô — e ha pouco ainda
Era viçosa flor, de Lísia canto! . . .
Ao vél-a involta no funereo manto
Em peito portuguez a dôr não finda. . .

O povo, que saudar-lhe soube a vinda
Erguendo á magestade alegre canto,
Hoje, brota-lhe d'alma amargo pranto,
Patenteia, chorando, a dôr infinda. . .

Era do povo esp'rança, mãe do pobre,
Amparo carinhoso da orphanidade,
Alma digna do ceo, candida e nobre. . .

Perdemos n'ella um anjo de bondade! . . .
Mas se a compa seus restos nós encobre
Sua alma inda é por nós na eternidade.

J. J. D'ABAUJO.

Historia da actualidade.

Infelizmente temos de abrir hoje esta secção com a infausta noticia do fallecimento de sua magestade a rainha a senhora D. Estephania, que passou d'esta a melhor vida pela uma hora da noite do dia 17 do corrente, na idade de vinte e dois annos, e quatorze-mezes depois do seu consorcio.

— A nação tomou lucto por esta infausta perda, pelo tempo de seis mezes, sendo tres carregado, e tres aliviado.

— Os officios tiveram logar na capella das Necessidades na manhã do dia 20, em que o regio cadaver foi conduzido ao jazigo da casa de Bragança. Na egreja de S. Vicente rezou-se o *Libera me*, funcionando n'essa occasião o cardeal patriarcha de Lisboa, que por causa dos seus graves padecimentos não pôde ir n'essa manhã aos officios na capella das Necessidades.

— No dia 16, pelas nove horas da noite, fizeram-se preces nas egrejas da capital pelas melhoras de sua magestade a rainha. Os templos estiveram cheios de christãos, que a tæs horas foram implorar ao Altissimo por aquella preciosa vida.

— Esta em demolição a muralha de pedra do caes do Sodré, por causa da nova estrada á beiramar, que começa na praia do visconde d'Asseca, e deve acabar no Corpo Santo.

— Mr. R. de Curel veiu a Lisboa encarregado de estudar o terreno na praia de Pedroços, a fim de se fazer ali um grande estabelecimento de banhos do mar. Tem parte n'esta empresa o conde de Claranges Luccotte, e deverão ficar concluidos os trabalhos em 1860.

— Quebrou a companhia hespanhola que ultimamente se achava n'esta cidade, e que deu algumas representações nos theatros do Gymnasio e S. Carlos.

— Tambem a sociedade do café concerto quebrou com o passivo de sessenta contos de reis.

— Já se nomearam os vogaes effectivos e extraordinarios para o novo conselho de instrucção publica.

— No Porto appareceram affixadas proclamações em a noite de 15 para 16 convidando os cidadãos contribuintes a reunirem-se ás nove horas do dia 17 na Praça de D. Pedro, para reclamar, por meio de petição, contra o novo levantamento do imposto industrial por excessivo e violento. Foram presos dois individuos que espalhavam as ditas proclamações. A guarda da camara foi reforçada, a cavallaria esteve prompta á primeira voz com os cavallos sellados, e as tropas reuniram nos quartéis.

— A companhia do nosso theatro do Gymnasio foi mui bem recebida no theatro Baquet, do Porto, onde foi dar algumas representações.

— Todas as nações depois da paz feita ultimamente entre os imperadores d'Austria e França, teem sustado nos seus armamentos e mobilisação de tropas; mas a Inglaterra, pelo contrario, activa-os com mais força.

— Queixam-se de Coimbra de que os alliciadores para a escravatura branca no Brazil, tenham induzido n'aquelle districto grande numero de colonos, com o engodo de seiscentos réis diarios em dinheiro forte.

Reinado de D. Pedro II.

(Fragmento)

PORTUGAL EM 1687.

A ociosidade de uma longa paz, o mau governo, a nossa preguiça natural tinham feito Portugal mui diferente, do que se mostrara na ultima guerra. O que tinha de tropas regulares eram dez mil homens de pé, e mil e cem cavallos, ao todo dezeseite regimentos de infantaria, e vinte e duas companhias de cavallaria, distribuidas pelas praças maritimas, e fronteiras de Hespanha, a maior parte soldados novos, e já mui poucos dos que tinham servido na guerra. Outro tanto se podia dizer dos officiaes. Os que tinham alguma experiencia havia-os a morte ceifado nos ultimos vinte annos de remanso. Nenhum restava capaz de tomar um pequeno commando. O duque de Cadaval, a quem isso tocara se houvesse guerra, não tinha reputação de bravo, e nunca fizera senão uma campanha, em que não adquirira nome. Além das tropas regulares havia nas provincias regimentos de milicias, uns trinta mil homens, que podiam fazer as guarnições. Quasi nunca os sujeitavam a revistas. Contentavam-se com recensear os paisanos, e saber que em caso de necessidade os podiam reunir. A verdade era, que rei de Portugal que tivesse dinheiro nunca teria falta de soldados, porque o reino era em proporção mais povoado que o resto da Hespanha.

A maior parte das praças estava mal provida das coisas mais necessarias. Quando o marechal de Estrées apparecera dois annos antes com uma esquadra na foz do Tejo (o que causara terror panico em Lisboa) tinham feito immediatamente partir para Faro uma caravella com munições de guerra, de que aquella praça estava de todo desprovida. Por isto se podia julgar da desordem das outras, que eram menos importantes, e da negligencia do governo. O Brazil estava todo aberto e fora d'estado de defesa, se fosse levemente atacado.

D. Pedro II não tinha então mais que sete vasos de guerra: a junta do commercio tinha cinco que serviam a comboyar as frotas da America, e se podiam aproveitar em occasião critica: mas faltavam absolutamente officiaes, e mesmo artilheiros que soubessem do seu officio, e tivessem experiencia. Pedro Jacques de Magalhães, general de mar, que era pratico, morrera havia dois annos. O conde de San-Vicente, tenente-general, que commandaria em caso de necessidade, era valoroso, mas faltava-lhe capacidade e prudencia. Havia, emfim, em tudo quanto respeitava a marinha tanta desordem e ignorancia, que quasi ninguém o acreditaria (se o não visse) n'um povo que adquirira tanta reputação pelas suas navegações. O rei contrahira com os mercadores a obrigação de sustentar seis fragatas no cruzeiro dos mares de Portugal, protegendo o commercio contra os corsarios; mas ainda que por isso recebesse das mercadorias direitos

que subiam a mais de trezentos mil cruzados, não expedia cada anno mais que duas ou tres fragatas, que não se afastavam da costa mais que dez ou doze leguas, e recolhim no fim de quinze dias ou tres semanas, sem encontrarem nunca coisa alguma, ao passo que os corsarios faziam todos os dias presas, algumas até á vista de Cascaes.

Os rendimentos da corôa andavam ordinariamente por uns seis a sete milhões de cruzados, mais de metade pagos pelo commercio, isto é, nas alfandegas, contracto do tabaco, frotas do Brazil, e outros direitos sobre mercadorias.

O commercio que outr'ora florescera estava quasi perdido. As poucas praças que conservavamos nas Indias, eram-nos mais pesadas que proveitosas. Cada anno não mandavamos a ellas mais que um navio carregado de tabaco por conta real, e quinientos a seiscentos mil cruzados em dinheiro por conta dos particulares. Os retornos consistiam em estofos mui caros, em drogas que eram o rebutalho de inglezes e hollandezes, e n'alguns diamantes de pouco preço. O rei confessava muitas vezes que se não fosse o interesse da religião, abandonaria o que lhe restava nas Indias. Podia juntar-se a este motivo, o de poder dizer ainda que dominava nas quatro partes do mundo. O commercio de Moçambique fazia-se com tres ou quatro embarcações, que todos os annos ali mandavam de Goa, e só dava proveito ao vice-rei das Indias, e a alguns particulares que lá estavam estabelecidos.

Podia dizer-se que o que havia sustentado até então Portugal eram o assucar e o tabaco do Brazil. Cerca de oitenta embarcações saíam todos os annos do reino para semelhante commercio. Partiam no mez de Março em diferentes frotas para Pernambuco, Rio de Janeiro, e Paraíba, no Brazil; e tambem para Mazagão, na Africa; e voltavam em Outubro ou em Novembro. Havia tambem alguns navios que iam a Angola, a Cabo-Verde, e ás costas de Guiné, comprar negros, e leval-os ao Brazil, onde só negros trabalhavam na laboração do assucar e do tabaco. Entretanto este commercio diminuiu consideravelmente depois que os francezes, e inglezes, sobretudo, tinham achado meio de fabricar assucares; ao mesmo tempo que os ministros de Portugal tinham augmentado os direitos sobre este genero, já quasi sem saída, porque os inglezes o davam muito mais barato, fornecendo já quasi todo o norte e a Italia. O mal subira a tal ponto, que quando tinham chegado as frotas, no ultimo mez de Novembro, os armazens da alfandega estavam ainda quasi cheios do anno precedente, pelo que tinham sido obrigados a conservar grande parte dos navios no rio com os carregamentos. Tres mezes seguidos tinham feito continuas consultas sobre esta materia, sem que lhe achassem boa saída. Era porém sabido que isto assim minava a fazenda de Portugal, porque faltando o assucar e o tabaco, não havia com que pagar as mercadorias importadas, diminuindo os rendimentos da corôa consideravelmente. O descredito das patacas fazia com que entrasse menos dinheiro no reino. Os inglezes levavam todos os dias a maior parte dos cruzados novos que se cunhavam, e assim se perdia um milhão de cruzados. As despezas do casamento, que ha pouco se fizera, tinham obrigado o rei para acudir a uma e outra crise, a alienar o rendimento de alguns impostos que ainda estavam livres, e a tirar de diversos cofres fundos provenientes de direitos da corôa, destinados a necessidades particulares do estado, e de que só diversos tribunaes podiam dispôr. De todo o modo se podia dizer que Portugal estava exausto, e n'um estado de que mui difficilmente se julgava poder sair.

Pelo que respeitava aos ministros, só mui pequeno numero tinha alguma capacidade, e parte nos negocios. De oito individuos que compunham o conselho d'estado, havia quatro que não tinham quasi mais que o titulo de ministros.

O inquisidor-mór, então cardeal, era bom homem, de setenta e cinco annos, respeitado pelo nascimento e pelos costumes, affectando predilecção pela casa real; mas de resto era menos que nada: bastava tratal-o um quarto de hora para conhecer que nem tinha senso commum.

O conde de Val de Reis, mordomo da casa da in-

fanta, era um velho de oitenta annos, muito quebrado, sem genio e sem consideração, não podendo fazer nem bom nem mal.

O conde da Ericeira era da mesma idade, e sobre isso cego. Tinha alguma erudição, mas mais bacharellice que substancia.

O conde D. Luiz, seu irmão e genro, morto havia um anno, fóra pouco mais ou menos do mesmo caracter. Um e outro tinham tido algumas relações com os ministros de França, e affectaram parecer francezes, até que perderam a esperança de casar o filho unico do segundo com uma filha de mr. d'Armagnac. Como tinham na familia mancha de judaismo pouco remota, não podiam achar boa alliança em Portugal, e procuraram-na inutilmente em Hespanha. Ensoberbeciam-se entretanto com a grandeza da sua casa e do seu próprio merito, a ponto que se faziam insupportaveis. O segundo como vedor da fazenda tivera a superintendencia da marinha, das manufacturas e do commercio. Tinha a imaginação mui viva, e passava por visionario. Quanto sonhava no gabinete reputava obra prima, e cria que era tão facil executar como pensar. Com taes principios comprehendia muitas coisas que fizeram grandes despezas, e todas produziram mal. O seu genio porém agradava ao rei, inda que muitas vezes fosse por elle maltratado.

O arcebispo de Braga era homem de saber e de espirito penetrante. Passava por ser extravagante e amigo da singularidade. Fóra embaixador em Roma, e seria capaz de intrigas e cabalas; mas, além de que a residencia, no que os bispos de Portugal eram mui regulares, o prendia quasi sempre á sua diocese, para nada o chamavam quando estava na corte, nem aos tres ultimos, de que se fez menção, que não iam ao conselho d'estado senão para ouvir cartas dos ministros que estavam nas cortes estrangeiras, e dar sobre os fogos vagos pareceres que o rei quasi nunca abraçava. O prelado de Braga era de uma familia suspeita desde muito de manter estreita correspondencia com os hespanhoes, e até se dizia que depois da batalha de Eyora tinham achado nas malas de D. João d'Austria papeis que exuberantemente o provavam.

O marquez d'Arronches era homem de mui pouco espirito, cheio de vaidade, e conhecido como mentiroso insigne. As embaixadas de Hollanda, de Hespanha e de Inglaterra, onde estivera, não tinham servido senão a augmentar-lhe a presumpção, e a persuadir-o, que era o unico em Portugal capaz de grandes negociações. Parecia experimentar grande prazer em dizer com tom de autoridade quanto aos gazeteiros de Madrid aprazia publicar.

O arcebispo de Lisboa, seu irmão, affectava gravidade que impunha. Do ar mysterioso que tinha fazia seu maior merito. Era de profunda ignorancia, ambicioso, e ainda mais soberbo que seu irmão mais velho. Passavam por chefes do partido castelhano, e a um filho segundo do fallecido principe de Ligne, deram em casamento sua unica herdeira. Inda que não merecessem a confiança do rei. suas numerosas allianças, e elevação de posições, lhes davam consideração, e chamavam muitos fidalgos ao seu partido. O rei conhecia o que eram, e guardava-lhes certa deferencia sem os estimar. Chamara-os a conselhos particulares sobre o negocio de Florença, porque queria conselhos conformes ás suas vistas, e não se enganara. A preferencia que se deu ao inquisidor-mór para o elevar ao cardinalato, mortificara muito o arcebispo, que com seu irmão dizia publicamente que o rei lhe promettera aquella dignidade, e davam taes largas á sua pena que um principe firme e absoluto não as soffreria.

O conde de Villar-Maior, depois marquez d'Alegrete, era camarista e vedor da fazenda, dois cargos, o primeiro dos quaes lhe dava grandes entradas, e o segundo o dispôr de parte das finanças. Homem reservado, tímido, de limitada capacidade, mas prudente, sabia viver ao pé de um principe difficil. A sua principal applicação era preserutar os sentimentos do amo, para se conformar com elles, sem jamais ousar sustentar proposição que lhe fosse contraria ou duvidosa. A negociação do casamento da rainha, que lhe correrá principalmente pelas mãos, e a embaixada de Alemanha, pareciam não ter augmentado o seu valor junto ao rei, nem merecido confiança particular da parte da rainha. Conser-

vava-se sem adiantamento, e no que principalmente pensava era em estabelecer a sua familia que era numerosa. Elle e o duque de Cadaval eram os dois do conselho que verdadeiramente tinham parte nos negocios, e podiam mais apoiá-los ou contrariá-los.

O duque de Cadaval tinha espirito, e algum conhecimento dos negocios do mundo obtido n'uma larga experiencia, ou para melhor dizer com a pratica, sem estudo e sem politica. Não lhe faltava geito para chegar a seus fins, e ia para elles com a cabeça baixa, sem attender á delicadeza, á honra, e á palavra. Nunca soubera fazer serviço a ninguém, e quasi não tinha amigos. O empenho que puzera em desfazer o casamento de Saboia, lhe valera muitas graças feitas pelo rei, e confiança mais intima que a que tinha d'antes. Depois continuara com o mesmo exito a contrariar todas as propostas que se fizeram á infanta, e podia dizer-se que tinha excedido a propria medida na negociação de Florença. A principio tratara a coisa n'uma altura extrema, declarando que antes veria morrer tudo, que ceder ás difficuldades que se encontrassem; mas logo que viu obstaculos claros, e insuperaveis no espirito do rei, mudara de rumo, dera as mãos, e soubera fazer valer aos olhos da infanta um falso zelo, que não enganara os que conheciam o negocio. Depois da ruptura da negociação, e da chegada da rainha redobrara a sua assiduidade junto á princeza, divertindo-a ora de um modo ora d'outro, e emfim, chegara a dizer, que por muito tempo não devia a infanta esperar que se vencesse a resistencia que el-rei seu pae punha a ter um genro. Tudo isto fazia crer que o duque tinha vistas particulares, inda que com muita arte o dissimulasse. Como a sua fortuna não podia ser nem maior nem mais firme, do que era no governo de D. Pedro II, temia não sem fundamento, que um marido da infanta lh'a viesse eclipsar. Descendendo de um filho segundo da casa de Bragança, era além d'isso tão credulo na astrologia, que se dizia que pensava em alcançar para seu filho, que tinha apenas nove annos, uma filha natural do rei, menina da mesma idade.

A rainha não seguia senão o conselho do seu confessor, e não se fiava no duque.

Havia alguns mezes que Francisco de Tavora, conde d'Alvor, na sua volta do vice-reinado das Indias tomara posse do cargo de conselheiro d'estado, que lhe fóra promettido quando partira do reino. Passava por homem regrado, mas que pensava em acrescentar sua fazenda. Não se podia ainda então dizer nada de mais particular, senão que a sua familia tinha muitas relações de amizade e alliança com a de Arronches.

Ainda que os conselheiros d'estado fossem os unicos que em Portugal se chamassem propriamente ministros, havia entretanto outros de segunda ordem, que eram chamados ao conselho privado, e muitas vezes eram os mais attendidos.

O confessor do rei, que era d'este numero, decaira completamente depois de uma doença, e quasi nunca ia ao pago. O bispo do Rio de Janeiro, antigo secretario d'estado, morrera recentemente.

João de Roxas, homem prudente e de larga experiencia, desgostado do serviço, fugia quanto podia dos negocios, sob pretexto da sua muita idade. Assim, quasi não restavam mais que Roque Monteiro, e Mendo de Foyos, secretario d'estado.

Roque Monteiro era de todos o que mais se dava com o genio do rei. Sem ter nenhum cargo era consultado acerca de tudo, e se em alguém tinha o principe verdadeira confiança, era n'elle. O seu parecer era ordinariamente o preferido. Homem fino, affectava exterior modesto. A sua pouca experiencia entretanto lhe fazia muitas vezes dar conselhos errados. Fóra elle que, depois da morte da fallecida rainha, entregara ao rei uma memoria em que lhe expunha os terriveis inconvenientes de ter um genro, e viu depois que o seu plano foi seguido.

Mendo de Foyos era então o unico secretario de estado. Começara por empregos mui insignificantes. O seu estylo empolado agradara ao rei. Fóra nomeado secretario d'estado estando ainda como enviado em Madrid. Continuando ainda ali dois annos tiveram os hespanhoes tempo de o pôr da sua parte. Muita gente acreditou que elles o tinham comprado, quando o viram voltar com muitos e bons quadros, tapearias e baixella de prata, elle que saíra

tão pobre. Até então era apoiado pelos Arronches. Parecia desempenhar o seu cargo com muita applicação, e ainda se não dissera d'elle, que experimentara, como todos os outros, os desabrimentos do rei.

Taes eram pouco mais ou menos, n'aquella epoca, os interesses, os genios, e o proceder dos ministros de Portugal. Podia dizer-se que a infanta não tinha quem lhe fosse verdadeiramente addicto. Os fidalgos moços mostravam algum empenho em lhe fazer corte, mas isto não adiantava os seus negocios. D'entre a nobreza, os que tinham mais consideração viviam retirados e desunidos. A Hespanha tinha partidarios, e o bem do estado a poucas pessoas atormentava. Podia dizer-se que os portuguezes se tinham inclinado a viver n'uma indifferença perniciosa, não pensando nos remedios senão quando se aggravavam os males. O reino estava exausto, e caminhava todos os dias para maior miseria. O pagamento do dote da infanta era, por isso, maior obstaculo ao seu casamento. O rei não olhava em todas as suas acções mais que á sua satisfação pessoal. Nada amava, nada o preocupava, que não tivesse alguma relação consigo proprio. Espirito desigual e extravagante, o terror de ser tratado por um genro, como seu irmão fóra por elle, impressionava-o profundamente. Ninguém emfim podia andar bem com elle senão em quanto soubesse descobrir-lhe e lisonjear-lhe os sentimentos.

JOSÉ DE TORRES.

O Genio da lingua portugueza.

Com este titulo publicou-se uma obra em 2 vol. 8.º fr., escripta pelo senhor F. E. Leoni.

Não entramos na analyse d'esta obra, porque nem isso pertence á nossa penna, — ha-as ali competentes e que não deixarão de empreender esse trabalho — nem o limitadissimo espaço de que podemos dispor nos permite, inda dada em nós a competencia, encetar tão ardua tarefa.

O *Genio da Lingua Portugueza* não carece de recommendação: sabem-no quantos o teem lido. A academia real das sciencias de Lisboa, zelosa como é dos seus foros litterarios, apressou-se em attestar o merecimento da obra, entregando ao autor o diploma de socio.

Se o senhor F. E. Leoni não fosse já conhecido na imprensa, bastaria, para lhe dar nome, a obra que acaba de publicar. Revela ella aturado estudo, profundos conhecimentos philologicos, muita leitura dos classicos, comprovada por centenas de citações, e amor á sciencia. O autor prestou, na publicação do *Genio da Lingua Portugueza*, um relevantissimo serviço ás letras patrias; e nós, ainda que desconhecido nas lides litterarias, felicitamos o paiz, pela occasião que tem de inscrever no longo catalogo dos seus cidadãos prestantes o nome do senhor Francisco Evaristo Leoni. G. A. M.

Expediente.

Sendo continuas as reclamações de professores por não terem recebido diferentes numeros da *Illustração Luso-Brazileira*, temos a declarar que o jornal é remetido regularmente a todos os professores e assignantes, e por tanto não procede d'esta administração a falta de que se queixam.

Os senhores professores, a quem faltam alguns numeros, fariam muito melhor, e obrariam com mais acerto, se, em vez de se dirigirem a esta administração, levassem as suas queixas ás do correio, d'onde, ou não são expedidos, ou se o são é tão pouco o cuidado empregado n'esse serviço, que origina as faltas que notam.

Esta administração cumpre o seu dever mandando para o correio geral os jornaes: desde que estes ali são entregues, cessou-lhe a responsabilidade, pertencendo toda á administração do correio.

E' inutil pois que os senhores professores continuem a requisitar os numeros não recebidos; porque taes requisições, em vista do que fica dito, não podem ser satisfeitas.

O *Genio da lingua portugueza*, 2 vol. 8.º fr. por F. E. Leoni.

Vende-se na livraria do editor A. J. F. Lopes — rua do Oiro n.º 109 — Preço 1800 réis br.